

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
CURSO: LETRAS, LICENCIATURA, COM A HABILITAÇÃO PORTUGUÊS E  
INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**AS CONFLUÊNCIAS ENTRE MIGRAÇÃO E LINGUAGEM: O PROCESSO DE  
ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA NA IDENTIDADE CULTURAL JUINENSE**

**Aluna: Rosangela Bertália de Oliveira**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Marina Silveira Lopes**

**JUÍNA /2016**

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
CURSO: LETRAS, LICENCIATURA, COM A HABILITAÇÃO PORTUGUÊS E  
INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**AS CONFLUÊNCIAS ENTRE MIGRAÇÃO E LINGUAGEM: O PROCESSO DE  
ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA NA IDENTIDADE CULTURAL JUINENSE**

**Aluna: Rosangela Bertália de Oliveira**

**Orientadora: Profª Mª Marina Silveira Lopes**

Monografia apresentada a AJES – Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, curso de Letras, Licenciatura, com a habilitação Português e Inglês e respectivas Literaturas, como parte dos requisitos para a conclusão do curso apresentado e obtenção do título de Licenciada em Letras.

**JUÍNA /2016**

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA**  
**CURSO: LETRAS, LICENCIATURA, COM A HABILITAÇÃO PORTUGUÊS E**  
**INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Me. Francisco Leite Cabral**

---

**Profa. Me. Luís Fernando Moraes de Mello**

---

**ORIENTADORA**  
**Prof<sup>ª</sup>. M<sup>a</sup>. Marina Silveira Lopes**

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, primeiramente a Deus, por ter me dado força e coragem durante toda esta longa caminhada. Foi ele quem me sustentou desde a minha entrada até minha saída. Por muitas vezes me carregou no colo, quando em mim já não existia mais forças.

Aos meus pais pelo incentivo constante. Devo a vocês o caráter e a boa educação como também o temor e obediência a Deus.

À minha amada filha, espero que um dia me entenda e me perdoe por tê-la deixado tão só durante esta caminhada. Obrigado! Quero dizer ao meu esposo que teve toda paciência comigo e pelo ombro amigo que me concedeu sempre que precisei chorar.

Aos meus queridos irmãos simplesmente a gratidão. Vocês sempre acreditaram na minha capacidade, mesmo quando eu, em momentos de fraqueza descreditei e achei que não iria conseguir vocês me encorajaram.

Aos amigos de sala agradeço pela amizade e companheirismo, juntos dávamos forças uns aos outros. Agradeço de coração aos meus mestres queridos, meus professores, foram vários que conheci durante a vida acadêmica e cada um deixou uma parte deles em mim, cada um com sua especificidade. À banca examinadora quero expressar meus singelos votos de agradecimento pela ética e profissionalismo.

Enfim agradeço a instituição por proporcionar essa oportunidade de realizar meu sonho “ser professora”. É com imensa alegria que felicito minha orientadora Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup> Marina Silveira Lopes, pela sabedoria e dedicação com que me orientou, meu muito obrigado de coração a todos vocês.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa vitória ao meu criador, minha mãe que tanto orou por mim, ao meu pai que muito se orgulhou da minha conquista e aos meus dois filhos e esposo, que são a razão da minha vida.

## EPÍGRAFE

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.*  
*(Paulo Freire)*

## RESUMO

Os povos são unidos principalmente pela língua, e é através dos idiomas que as populações se distinguem umas das outras. A sociolinguística é a ciência que tem como objeto de estudo as correlações entre a estrutura linguística e o fator social, ou seja, as variações linguísticas, tendo Labov como o principal estudioso da área. Os migrantes da cidade de Juína MT, localizada no noroeste de Mato Grosso, constituem-se em boa parte de pessoas oriundas do sul do país, estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, e do nordeste do país, como Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, entre outros. Esta pesquisa concentra-se, sobretudo na análise destes locais citados. A análise visa investigar os dialetos destes grupos migratórios que estão em constante variação devido ao contato com outros povos e região, ocasionado pela migração de seu estado de origem para o estado mato-grossense, buscamos também analisar se tais experiências de vida influenciaram na maneira como eles falam e se comunicam em relação ao seu dialeto. Pretende-se observar como está sendo a prática da fala em particular de algumas vogais, na fala desses dois grupos. Para atingir os objetivos optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica buscou nas fontes teóricas compreender aspectos do contexto histórico, geográfico e sociocultural, sobretudo do município de Juína, de modo a observar as diversidades e as mudanças na comunicação entre os falantes quando vindos de outras regiões do país. A pesquisa de campo buscou complementar a pesquisa bibliográfica no sentido de responder algumas suspeitas sobre possíveis alterações na língua falada dos migrantes, partindo da análise do contato real e imediato com os falantes pioneiros das regiões supracitadas. Portanto ao longo de toda a pesquisa e após análise dos dados, pode-se descrever que houve mudanças e preservação da fala dos grupos, especialmente em relação às vogais pretônicas, derivadas do processo de colonização.

**Palavras-Chave:** Pretônicas. Acomodações Linguísticas. Colonização.

## ABSTRACT

The Peoples are united by language, and it is through the languages that people differ from each other. Sociolinguistics is the science that has as object of study the correlations between linguistic structure and the social factor, i.e. the linguistic variations, having Labov as the leading scholar. Migrants from the Juína MT city , located in Mato Grosso northwestern, are largely of people from the South of the country, the States of Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, and northeast of the country, such as Bahia, Paraíba, Ceará, among others. This research focuses mainly on the analysis of these sites. The analysis aims to investigate the dialects of these migratory groups that are in constant variation due to contact with other peoples and region, caused by the migration of their State of origin to the Mato Grosso state, we also examine whether such life experiences have influenced in the way they speak and communicate in relation to their dialect. The aim is to observe as being the practice of speaking in particular of some vowels in the speech of these two groups. To achieve the goals decided by the bibliographical research and field. The bibliographical research sought on theoretical sources understand aspects of geographical and socio-historical context, especially in the Juína city in order to observe the diversity and changes in communication between the speakers when coming from other regions of the country. Field research sought to supplement the bibliographical research in order to answer some suspicions about possible changes in the spoken language of migrants starting from the analysis of real and immediate contact with the pioneer speakers of the regions mentioned above. So throughout the search and after analysis of the data, you can describe that there have been changes and preservation of speech of groups, especially regarding the vowels pretonics, derived from the process of colonization.

**Keywords:** Pretonics. Linguistic Accommodations. Colonization.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Sulista entrevistado .....</b>	<b>33</b>
<b>Quadro 2 - Nordestinos entrevistados .....</b>	<b>34</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 - Grupo de sulistas entrevistados .....</b>	<b>35</b>
<b>Gráfico 2 - Grupo de Nordestinos entrevistados.....</b>	<b>36</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 LÍNGUA E LINGUAGEM: SIGNOS LÍNGÜÍSTICOS E INTERAÇÃO SOCIAL .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 MIGRAÇÃO E LINGUAGEM: A PLURALIDADE DOS FALARES BRASILEIRO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 FLUXOS MIGRATÓRIOS NO INTERIOR DO BRASIL: A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO .....</b>	<b>18</b>
<b>3 LINGUAGEM: UM PRODUTO DA CULTURA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUÍNA/MT: A MISCIGENAÇÃO DIALETAL.....</b>	<b>24</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÕES DE RESULTADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem diz respeito à capacidade do ser humano em se expressar por meio de palavras, gestos, imagens, cores. É uma condição intrínseca e natural do ser humano. Já a língua falada surgiu com a linguagem, e se traduz como uma modalidade utilizada por um grupo que forma uma comunidade. Esta possui regras e signos linguísticos<sup>1</sup> que identificam e diferenciam o grupo. No entanto, apesar do grande número de línguas humanas, com seus mecanismos e peculiaridades, há em comum entre as línguas a finalidade principal de comunicar.

Mesmo atentando para o fato de que há regras e mecanismos linguísticos próprios às línguas pelas quais se manifestam sociedades diferentes, com processos histórico-sociais únicos. É necessário destacar que a língua não é estática, está em constante mudança, e principalmente, oferta ao falante através de seu sistema uma gama muito grande de possibilidades enunciativas, no que diz respeito às regras de seleção de vocábulos, substituição, entonação e combinação, que não interferem na interação, mas que revelam a complexidade e adaptabilidade do ser humano. Essas diferentes formas de utilização da linguagem são denominadas variações linguísticas<sup>2</sup>.

Dentro das variações linguísticas, temos o dialeto, que é de cunho regional. Devido há fatores históricos e também ao vasto território, o Brasil possui grandes diferenças dialetais, contudo, ainda é bastante difícil estabelecer uma organização precisa das zonas dialetais<sup>3</sup> brasileiras, pois há distintos falares, com inúmeras variantes, dentro de uma mesma região, além de haver imprecisões nas informações quanto às variações lexical e fonéticas.

O processo de colonização do Brasil e as migrações internas são os fatores mais enfáticos nas modificações da língua portuguesa falada nacionalmente. Os

---

<sup>1</sup>Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que conceito ou ideia, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço. (CASTELAR, C. 2012, p.14).

<sup>2</sup>Varição linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. (BECHARA, E. 2007, p.113).

<sup>3</sup>Zonas dialetais são denominadas as variações de dialetos regionais mais evidentes. (STURZA, El. 2005 p. 28).

fluxos de migração no interior do país sempre tiveram como base o aspecto econômico, pois o modelo capitalista cria, no decorrer da história, espaços diversos de atração, para onde massas de pessoas se deslocam.

As inter-relações oriundas dos fluxos migratórios implicam na variação da linguagem de determinados grupos, em que é possível o surgimento de um dialeto distinto e acomodações linguísticas que podem ser intencionais, buscando a aprovação do receptor, ou como na grande maioria, quase não percebidas pelo falante visto que essas mudanças na linguagem acontecem de forma lenta e gradual.

O processo de colonização e de fluxos migratórios ocorreu em épocas e de formas diferentes nas várias regiões do Brasil. Também dentro do Estado de Mato Grosso isso ocorreu de forma distinta em suas microrregiões<sup>4</sup>. No caso da região noroeste mato-grossense, há a presença majoritária dos migrantes sulistas, em sua maioria paranaenses, o que unidos a outros fatores de ordem social e também à forte influência das línguas indígenas conferiram a linguagem desta região uma forte singularidade.

O Município de Juína localizado na região noroeste do Estado de Mato Grosso teve sua formação a partir de 1970 com a chegada em massa de migrantes colonizadores motivados pelos rumores de terras férteis e baratas. Assim como o próprio Estado a maioria deles veio do sul do país, sendo a maior parte do Estado do Paraná, em sequência Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A região do nordeste brasileiro, também, teve presença marcante na colonização do município, por meio dos migrantes da Bahia, Paraíba, Pernambuco, entre outros. Os grupos trouxeram consigo seus dialetos e culturas, o que impulsionou uma miscigenação linguística e modificações dialetais.

As diferenças na fala atraem a atenção de todo usuário da língua, a pronúncia tem características diferentes dependendo de fatores sociais e especialmente regionais. Em relação aos dois principais grupos de colonizadores do Município de Juína, há inúmeras especificidades nos dialetos, uma bastante evidente é a diferente entonação das vogais médias pretônicas, que são as vogais

---

<sup>4</sup> Microrregião: um agrupamento de municípios limítrofes. Sua finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. (MATOS, S.1992, p.21).

/e/ e /o/ consideradas médias dentro da normativa linguística, pretônicas porque seu som predominante antecede a sílaba tônica.

No dialeto sulista, as vogais médias pretônicas obedecem a uma entonação fechada e no dialeto nordestino a entonação é aberta, esse comportamento linguístico diferente na pronúncia das pretônicas as destacou como o elemento primordial para distinguir os falares do nordeste e do sul. Nessas mais variadas formas no falar do brasileiro, procuramos entender se houve mudança no sotaque sulista e nordestino no Município de Juína? E em quais situações linguísticas essas alterações aconteceram? Houve um processo de adaptabilidade do dialeto sulista e nordestino na cidade de Juína?

Buscamos, também, averiguar a ocorrência de um processo de acomodação linguística decorrente do deslocamento regional por meio da análise das vogais médias pretônicas dos dialetos sulistas e nordestinos na cidade de Juína/MT. Para elucidarmos tais questionamentos e objetivo foi realizada uma pesquisa no Município, sob a ótica da sociolinguística<sup>5</sup>, enfocando dois dialetos pertencentes a grupos distintos de migrantes, um oriundo do sul e outro do nordeste do país.

Foram selecionadas dez pessoas. A seleção teve como parâmetros o fato de serem residentes na cidade há pelo menos vinte anos, terem idades entre vinte e cinco a setenta e cinco anos, do sexo masculino e feminino, com níveis diferentes de escolaridade. Ela ocorreu entre março e maio de 2016 com a finalidade de identificar possíveis mudanças nos dialetos de origem dos dois grupos.

O estudo das adaptações linguísticas dos dois principais grupos de colonizadores da região noroeste do Estado de Mato Grosso, em especial, nessa região, pela análise das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em posição inicial da palavra corroborará a premissa de uma visão sociolinguística, com base na teoria enunciativa discursiva<sup>6</sup> em que só se é possível analisar a linguagem tendo como ponto de partida as relações sociais e culturais.

---

<sup>5</sup> Sociolinguística é uma das subáreas da linguística que estuda a língua em uso no seio da sociedade. É uma ciência e se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade (MOLLICA, Maria Cecília. 2004 p. 09).

<sup>6</sup> Teoria enunciativa-discursiva que considera a linguagem como atividade, instituída em um processo concreto em que o signo se instaura ideológico e dialogicamente. Não há, assim, qualquer movimento de apropriação de signos linguísticos em um sistema fechado, uma vez que o signo somente existe. (LEITE, M. 2008, p. 79).

Mesmo o estudo da linguagem com base na sociolinguística comprova que a língua é um todo homogêneo composta por partes heterogêneas, ainda há no Brasil um forte preconceito linguístico<sup>7</sup>. Se aceita facilmente que em território brasileiro há culturas diferentes, que há dialetos diferentes, no entanto, vários estudos demonstram que a aceitação dos dialetos não é livre de preconceitos.

O dialeto vindo do sul do país tem maior aceitação que os dialetos do nordeste. Essa menor aceitação está vinculada a um preconceito social, basta analisarmos como o dialeto nordestino vem sendo usado pela mídia, muitas vezes em telenovelas e programas de humor de forma caricatural e ridícula, atrelando a esse dialeto a característica inculta, de pessoas ignorantes, sem instrução.

Nesta mesma direção é preciso desmistificar a ideia calcificada na mente do brasileiro de que ao referirmo-nos a sulistas ou sul do país estamos reduzindo ao gaúcho e ao Rio Grande do Sul, desconsiderando os indivíduos e Estados que também fazem parte desta região do Brasil e que possuem um processo de formação diferente e uma cultura própria e igualmente rica.

A variação na linguagem decorrente de fatores sociais ainda é mais discriminada. Temos a prática de classificar por classes o Brasil (alta, média-alta, média, baixa, abaixo da linha da pobreza) compreendendo a diferença no modo de vida e na história das comunidades. No entanto, ainda delegamos à condição de erro a fala de comunidades menos escolarizadas.

Assim compreendendo que a linguagem afirma a identidade de um grupo, e em dimensão mais específica, as escolhas linguísticas de um indivíduo são parte constitutiva da identidade social. Entendemos que o estudo das modificações na fala juíense decorrentes de fatores geográficos, históricos e sociais nos possibilita um passo a mais na compreensão do processo de formação da sociedade regional.

---

<sup>7</sup>Preconceito linguístico é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar, um achar-feio ou achar-errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto.(LEITE, Mar. 2008, p.82).

## **2 LÍNGUA E LINGUAGEM: SIGNOS LINGUÍSTICOS E INTERAÇÃO SOCIAL**

O que denominamos língua é a capacidade de o ser humano em representar em um sistema os esquemas mentais que formam nossa compreensão de mundo. Como afirma Saussure (2006) a língua é um produto social da linguagem, constitui algo adquirido e convencional, compõe-se de um sistema de signos aceitos por uma comunidade linguística.

A linguagem por sua vez é mais ampla que a língua, pois é o uso no contexto social, e assim, é determinada por inúmeros fatores, como: a intencionalidade do locutor, o ambiente, a relação locutor e interlocutor, a bagagem cultural do locutor e interlocutor, entre tantos fatores. Nessa perspectiva, Cunha (2004) reitera que a linguagem se caracteriza pela diversidade de funcionamento, de modos de significar. Ela é constitutiva, pois os sujeitos e as relações sociais se constituem na e pela linguagem.

Todo o indivíduo utiliza a linguagem para agir no meio social. Quando há o reconhecimento subjetivo do “poder” que o domínio de mecanismos mais complexos da língua confere ao serem planejadamente utilizados nos enunciados (linguagem), há uma maior habilidade de atuação e possibilidades de interferências na sociedade.

Em relação à concepção de língua, Bakhtin (1986) afirma que ela é uma abstração quando concebida isolada da situação social que a determina. Para o autor, a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. O autor põe em destaque a enunciação como o real da linguagem. A língua com seu sistema complexo é apenas uma parte, há outra não-verbal, mas que faz parte do contexto da comunicação e que detém um papel muito importante na construção do significado. Por isso a essencialidade de conceber a linguagem enquanto produto de interação social.

### **2.1 MIGRAÇÃO E LINGUAGEM: A PLURALIDADE DOS FALARES BRASILEIRO**

O Brasil é um país de proporções continentais, com aspectos geográficos e do clima bastante variados, em que a língua materna é única – a Língua Portuguesa. No entanto, há dentro desta língua inúmeras diferenciações, aspectos já

evidenciados pela variação linguística. O desenvolvimento das variações da língua portuguesa falada no Brasil está intimamente ligado ao processo de colonização e migração.

A descoberta do Brasil aconteceu em 1.500, pelo grande navegador Pedro Álvares Cabral, a nova terra conquistada era habitada por índios, os quais receberam essa denominação por serem confundidos com indianos, ou seja, Pedro Álvares Cabral acreditava ter chegado à Índia. Após a descoberta muitas expedições foram enviadas para o Brasil, a fim de explorar suas riquezas, como pedras preciosas, minérios, madeiras entre outros.

Porém havia a necessidade da colonização e somente em 1530 que o governo de Portugal resolveu enviar uma expedição para consolidar a nova conquista. D. João III a enviou com o objetivo de colonizar a recém-descoberta Terra e também demarcar território, a expedição desbravadora era comandada por Martim Afonso de Souza e chegaram ao Brasil em janeiro de 1531.

Alguns anos mais tarde, por volta de 1549, os Jesuítas foram enviados pela coroa Portuguesa, com intuito de evangelizar e catequizar os índios, que eram milhares e falavam cerca de trezentas línguas, já os colonos falavam o português. A comunicação entre ele era feita através do tupinambá, língua originada do tupi guarani e que foi considerada por um tempo oficial da colônia ao lado do português. No entanto, para que a catequização fosse realizada, era indispensável que os indígenas aprendessem a língua portuguesa para a leitura de trechos bíblicos e o ensino da prática religiosa católica.

Como afirma Bassanezi (1995) nesse contexto de colonização o Brasil começa a receber um número cada vez maior de portugueses, e os negros que vinham para o serviço escravo, assim, a relação linguística até então entre o português e as línguas indígenas distende-se também para as línguas africanas.

A própria língua portuguesa advinda de Portugal não era uniforme, pois sofria alterações diversas, como por exemplo, no período em que a Península Ibérica foi invadida pelo império germânico ou então quando entre 1580 a 1640 Portugal foi governado pelo trono espanhol. Assim, a língua Portuguesa falada no Brasil, desde 1500 sofria variações em decorrência de influências migratórias, o que se intensificou depois da Independência (TEYSSIER, 2001).

Após a Independência do Brasil (1822) um grande fluxo de imigrantes da Europa se instalou no centro sul do país o que configurou as diferentes formas de pronúncias ou de léxico, dependendo do fluxo migratório que recebeu. Portanto, essa pluralidade de falares brasileiros são o resultado do contato de vários grupos étnicos e sociais no decorrer da história.

## **2.2 FLUXOS MIGRATÓRIOS NO INTERIOR DO BRASIL: A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA**

O processo de migração no Brasil é um fenômeno de extrema importância para o desenvolvimento econômico e cultural do país. Desde o início da colonização até a década de 1930, a migração internacional ditava o ritmo de desenvolvimento do país e das relações sociais. No entanto, com o Estado Novo<sup>8</sup>, as migrações internas se destacaram no cenário nacional, em que migrações inter-regionais ocorriam em fluxos, decorrente de vários fatores históricos, mas, sobretudo para garantir o modo de produção capitalista.

Inicialmente, um fluxo migrante vindo de zonas rurais para urbanas retratavam uma política agrária que fechou fronteiras agrícolas, modernizou o campo e concentrou a posse da terra. Neste sentido, a região da Amazônia e de Mato Grosso, em 1970, como salienta Piai (2003) passou a receber excedentes populacionais expulsos pela economia rural de outros estados, aliviando assim possíveis tensões sociais.

A migração interna no Brasil, de acordo com Zamberlam (2004), se configura como a sujeição do trabalho ao capital, ou seja, embora haja uma pequena contingência de motivações subjetivas para a migração interna, os fluxos não podem ser analisados como deslocamento do indivíduo. Mas, sim de uma classe social que impulsionada pelo sistema de produção, atrelado à concentração de renda levam a expulsão e/ou busca de melhores ofertas de trabalho e subsistência.

---

<sup>8</sup>No período conhecido por Estado Novo é flagrante a elaboração de um quadro em que o Estado e o líder estão intrinsecamente articulados. O chefe governa o estado e a máquina que regula as relações sociais a ela vinculadas. Um período que vai de 1937 a 1945, em que o Brasil foi governado por Getúlio Vargas. (BUESCO, M.1976, p.93).

Algumas vezes as migrações podem esconder aspectos negativos ou conflitos, com o afastamento do lugar de residência, distanciamento cultural, a desestruturação tanto religiosa como a rejeição e problemas de adequação no lugar de chegada, Marques (2006).

A cultura brasileira é bastante diversificada, inicialmente, pelo processo de colonização que impulsionou a miscigenação de diversos grupos étnicos e depois através dos imigrantes italianos, japoneses, alemães, árabes, entre outros, que fizeram surgir culturas distintas nas várias regiões do Brasil. E também os fluxos migratórios no interior do próprio país contribuíram e continuam a contribuir para o modo de vida e comportamento de indivíduos e sociedades, misturando e diversificando ainda mais a cultura brasileira.

### **2.3 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO**

A colonização do Brasil sempre se configurou como processo de exploração econômica, inicialmente, pelo mercantilismo que eram práticas econômicas centradas no controle Estatal, em que se acreditava que uma nação dominante e poderosa era aquela que detinha muito ouro e prata, circulando em forma de moedas ou trancadas em cofres.

Os governantes, durante o sistema colonial mercantilista, consideravam que a riqueza que havia no mundo era fixa, não poderia ser aumentada, portanto para um país enriquecer outro precisava empobrecer. Desta forma, a exploração de novos territórios era encorajada, pois as colônias, como o Brasil, tinham a finalidade de complementar à economia das metrópoles através da produção em grande escala de alguns gêneros agrícolas, altamente lucrativos, como o açúcar, ou de matérias-primas, como o algodão ou, ainda, de minérios (NOVAIS, 1995).

Conforme Piai (2003) a ocupação do Estado de Mato Grosso que aconteceu entre o século XVI e XVII pelos espanhóis e pelos bandeirantes, também revelou o intuito econômico da Coroa Portuguesa através do povoamento do interior do país a fim de marcar o território, expandindo as fronteiras, descobrindo riquezas e capturando os índios, para comercializá-los como escravos. Entretanto, com a

descoberta do ouro em Cuiabá, as bandeiras<sup>9</sup> portuguesas efetivaram sua permanência nas terras mato-grossenses.

Com a colonização de Mato Grosso, muitos povos indígenas foram dizimados, devido a avidez com que os colonizadores buscavam, não apenas, transformá-los em mão-de-obra, mas acima de tudo apossar-se de seus territórios. É importante destacar a enorme diferença no universo cultural dos colonizadores europeus e dos povos indígenas. Infelizmente, os colonizadores não compreendiam ou consideravam as diferenças culturais e em nome destas diferenças justificaram ações de barbáries, como, extermínio étnico e cultural.

A violência em relação aos povos indígenas, no processo de ocupação de Mato Grosso, não ocorreu apenas nos aspectos físicos ou de apossamento de terras, mas, sobretudo culturalmente. A concepção de colonização conferia ao conquistador a ideia de superioridade. Desta forma, sobrepunha a sua cultura à de povos ricos em conhecimentos, como são os povos indígenas, mas desprezados no processo de ocupação do Estado (PIAIA, 2003)

Além dos índios que foram neste momento capturados e utilizados como mão-de-obra, também os cativos negros eram indispensáveis ao intento colonizador. Vieram com as primeiras expedições, com funções inicialmente de cozinheiros, carregadores e remadores, e após chegar às minas desempenharam ofícios mais específicos. Casualmente, em 1719, a bandeira de Pascoal Moreira Cabral<sup>10</sup> encontrou pepitas de ouro no rio Coxipó-Mirin. A notícia da descoberta fez com que uma grande massa de pessoas se dirigisse para as minas de Coxipó. Mais tarde exaurida essa primeira mina outra foi encontrada às margens do córrego Mutuca o que deu origem a mais outro arraial, o denominado Forquilha (SIQUEIRA, 2002).

Em 1721, foi descoberta, por índios cativos, outra jazida aurífera no leito de um córrego denominado Prainha que é afluente do rio Cuiabá, o que fez com que grande parte dos moradores de Forquilha e também do Arraial Velho se

---

<sup>9</sup> As bandeiras ou bandeirantes foram homens valentes, que no princípio da colonização do Brasil, foram usados pelos portugueses com o objetivo de lutar com indígenas rebeldes e escravos fugitivos. (SIQUEIRA, E. 2002, p.97).

<sup>10</sup> Pascoal Moreira Cabral filho do Coronel Pascoal Moreira Cabral e de Mariana Leme, desde muito jovem dedicou-se ao sertanismo preador de índio. Capitaneou algumas bandeiras, foi eleito Guardador das minas descobertas no rio Coxipó. (SIQUEIRA, E. 2002, p.37).

deslocassem para lá e passassem a minerar no córrego da Prainha dando origem a um pequeno vilarejo.

Em 1752, foi fundada em local estrategicamente pensado a primeira capital de Mato Grosso – Vila Bela da Santíssima Trindade. Durante o processo de independência do Brasil, se deu a transferência da capital de Vila Bela para Cuiabá, em um momento que Mato Grosso passava por uma crise econômica em decorrência da decadência aurífera.

Durante o segundo reinado muitas províncias brasileiras foram palco de conflitos inclusive armados, nos quais se lutava contra a centralização do poder ou contra a pobreza e a escravidão. Neste contexto histórico ocorreu a Rusga, movimento social de 1834, que teve a sua origem na disputa pelo poder entre os liberais e os conservadores. Ainda neste contexto a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) trouxe a providência de Mato Grosso inúmeros percalços, como, o medo da população, a fome e uma devastadora epidemia de varíola.

O Estado Novo no governo de Getúlio Vargas lançou um projeto governamental chamado Marcha para Oeste,<sup>11</sup> entre (1937-1945) que buscava ocupar e integrar a região de Mato Grosso entre outras. Como demonstra Galvão (2013) a colonização passou a ser uma alternativa viável para obtenção de terras, em especial, para os pequenos trabalhadores. No entanto, o intento governamental era o povoamento e a exploração econômica, além de servir estrategicamente como propaganda para sensibilizar a população e reduzir os conflitos.

A Marcha para o Oeste iniciou um processo mais intenso de povoamento do Estado de Mato Grosso, pois por meio dos investimentos de infraestrutura pretendia atrair migrantes para a região e garantir as condições de permanência. A Fundação Brasil Central<sup>12</sup>, criada em 1943, implementou diversas obras em território mato-grossense, como pontes, aberturas de estradas, campos de pouso para aviões. Essa nova fronteira atraiu muitos empresários desejosos de adquirir, a baixíssimos preços, terras em Mato Grosso.

---

<sup>11</sup> A Marcha para o Oeste foi o primeiro movimento promovido pelo Governo Federal objetivando a ocupação e colonização das terras mato-grossenses. (SIQUEIRA, E. 2002,p.18).

<sup>12</sup> Fundação Brasil Central, Instituição incorporada à Expedição Roncador Xingu. Os objetivos da Fundação eram também iniciar um processo não só de reconhecimento, mas também de povoamento da região criando condições infraestruturas. (SIQUEIRA, E. 2002,p. 24).

Quando se estuda o processo de colonização desencadeado em território mato-grossense a partir de 1970, quase sempre se oculta a presença dos ancestrais donos da terra, os índios. No entanto, é de fácil percepção que a região possuía uma população original que não estava sendo considerada.

### 3 LINGUAGEM: UM PRODUTO DA CULTURA

A cultura é bastante difícil de ser conceituada devido à gama de significados que veio adquirindo ao longo da história. No entanto, podemos afirmar que duas linhas dão o direcionamento para as diversas interpretações. A primeira de concepção alemã trata a cultura como um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, sendo fundadora de sua identidade, já a segunda, francesa coloca a cultura como característica do gênero humano (CUCHE, 2002).

Laraia (2001) expõe que as diferenças de comportamento entre os homens não podem ser explicadas através das diversidades biológicas ou geográficas. Pois, o comportamento do indivíduo depende de um aprendizado, pessoas de sexos diferentes agem de forma distinta não por sua estrutura biológica ou fisiológica, mas especialmente, porque recebem uma educação diferente. Pontua, ainda, que a linha que conceituaria a cultura a partir do determinismo geográfico, em que o espaço físico agiria sobre os indivíduos determinando seus comportamentos, é inviável, pois inúmeros estudos demonstram que há culturas diferentes em um mesmo espaço geográfico, assim como também, culturas parecidas em espaços diferentes.

Para Neira e Nunes (2014), a cultura refere-se a diversos sentidos desde as produções artísticas e intelectuais até o modo de vida em variados meios sociais. A cultura deve ser percebida em toda sua complexidade, que, superficialmente, a tornaria paradoxal, pela construção que é ao mesmo tempo subjetiva, coletiva e plural, se organiza em um momento histórico sendo referida como todo o conhecimento, habilidade social e comportamento aprendido que não advém de fatores biológicos e também não inteiramente geográficos.

Observando estudos em relação à cultura o que se eleva à percepção é a sua inegável importância, pois somente pela noção de cultura podemos pensar a humanidade em sua diversidade (NEIRA e NUNES, 2014), afinal em termos fisiológicos o ser humano tem uma mesma constituição básica, mas diferenciam-se pelas orientações culturais, pelos processos históricos que cada indivíduo passou e como construiu sua identidade.

Para os antropólogos (MARCONI E PRESOTTO, 2011) a cultura engloba os costumes comuns que são aprendidos durante a vida, e que são repassados pelas

pessoas e grupos, em sociedade, e toda cultura seja ela simples ou complexa, merece ser respeitada e preservada, e transmitida pelos indivíduos nela inseridos. Os autores ainda mencionam que a cultura tem inúmeras definições de cultura, não havendo um consenso sobre o significado exato do termo.

Para Laraia (2014) é fundamental compreender as diferenças entre culturas, mas também as diferenças que ocorrem no mesmo sistema, a fim de evitar preconceitos e choques de gerações, como percebemos pelos de inúmeros aspectos incluindo a linguagem. Nesta perspectiva de cultura, destacamos a linguagem como um aspecto que traz a relevo o poder de construção significativa do ser humano, pois como destaca Freire (1996) é pela linguagem que o ser humano se faz ser humano é quando toma consciência da sua condição. O domínio da linguagem possibilita tornar-se autor de seu discurso, posicionar-se diante de questões de relevância social.

E nesta perspectiva de cultura que a linguagem aparece como algo inerente, pois é por meio dos discursos que se configura, organiza e intermeia as relações sociais. Como destaca Paulo Freire (1996) é necessário que o ser humano se aproprie da palavra para se posicionar como autor de sua história, da organização e identificação e transformação do mundo a sua volta. Laraia (2014) reitera que a linguagem é um produto da cultura, mas a cultura não existiria se não houvesse um sistema articulado de comunicação oral.

A linguagem que é um produto cultural traz consigo a característica dinâmica da própria cultura de sofrer alterações resultantes de mudanças internas ou do contato de um sistema cultural com outro (LARAIA, 2014). Lembra o autor que todas as culturas estão em constante mudança. Assim, também a linguagem é alterada, pois à medida que os comportamentos se alteram a maneira de expressar os pensamentos, desejos e patrimônio intelectual devem refletir a identidade cultural do indivíduo.

A língua representa a construção identitária de um povo. Conseqüentemente, o Estado de Mato Grosso, com um território muito vasto, possui uma linguagem multifacetada, formada por um processo diversificado e complexo que conferiu a cada microrregião uma história distinta, com inter-relações variadas e uma linguagem com influências culturais de vários Estados.

Os povos indígenas e africanos contribuíram grandemente para a formação cultural, e neste sentido, para a linguagem. Destaca-se a contribuição das línguas indígenas à formação da língua portuguesa falada no Brasil, e em especial, para a linguagem de Mato Grosso que é muito rica não apenas no léxico,<sup>13</sup> mas também na fonologia<sup>14</sup> e sintaxe<sup>15</sup> da língua.

Os fluxos migratórios no interior do Brasil muito contribuíram para a formação das culturas locais advindas das confluências de culturas distintas que se inter-relacionaram e provocaram o surgimento de modos de vidas e concepções ideológicas próprias, como por exemplo, o surgimento de uma linguagem em que se denotam aspectos de mais de um dialeto, como também um processo de acomodação linguística nos migrantes de uma localidade.

### **3.1 PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUÍNA/MT: A MISCIGENAÇÃO DIALETAL**

Com o incentivo do Governo Federal para a colonização do Noroeste do Estado de Mato Grosso, muitos empresários, juntamente com engenheiros, buscaram apoio dos órgãos competentes para a formação de pequenas cidades no interior do Estado aumentando a migração para a região.

Campos (1993) menciona que por volta de 1978 surgiu a ideia de desenvolver um projeto de colonização. O início deste projeto deu-se quando a CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento do Centro Oeste), foi convocada para construir uma rodovia em convênio com a SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste) que era responsável por definir objetivos e metas econômicas e sociais, que levassem ao desenvolvimento sustentável da região centro-oeste, e elaborando planos regionais de desenvolvimento de Mato Grosso, articulando-os com as políticas e os planos de desenvolvimento nacional.

Conforme Ferreira (2008) a colonização do Município de Juína aconteceu em 1978, com a chegada de muitas famílias de toda parte do país, a maioria sulistas e nordestinas. No dia 10 de junho do ano de 1979, foi instituído o Distrito de Juína, e

---

<sup>13</sup> Léxico é a parte que detém o significado. (BECHARA, E. 2007, p.119).

<sup>14</sup> A fonologia ou fonética estudam o aspecto físico-fisiológico da língua, isto é, o aspecto fônico, de sons reais e concretos dos atos linguísticos. (BECHARA, E. 2007, p. 61).

<sup>15</sup> Sintaxe é a relação estabelecida pelos vocábulos, sendo que o significado sintático resulta da combinação lexical dentro das orações. (BECHARA, E. 2007, p.74).

sua emancipação aconteceu pela Lei nº 4.456, de 09 de maio de 1982. A colonização foi marcada por descobertas e conflitos, pois após a chegada dos migrantes, muitas riquezas foram encontradas no subsolo, uma delas, o diamante, que atraiu inúmeros garimpeiros para a região. Muitos se fixaram em Juína. Nessa fase o comércio teve um crescimento rápido e a cidade foi se estabilizando e criando formas.

Apesar dos garimpos trazerem riquezas, a atividade garimpeira trouxe muitos prejuízos, alguns irreparáveis, tais como a degradação do solo, prejudicando assim os rios, formando enormes crateras, devastando o solo e a vegetação sem qualquer restrição, árvores de lei eram derrubadas pelas máquinas dando lugar a mais um catriado<sup>16</sup>(PINHEIRO, 2014).

A decadência do garimpo teve início em meados de 1990, quando as atividades de extração mineral começaram a fracassar constantemente, o preço da pedra preciosa já não era mais viável. Não se encontrava diamantes com a mesma facilidade, isso fez com que os preços dos alimentos aumentassem, e conseqüente o preço do óleo diesel, ferramentas, peças, materiais básicos para a extração, veio também à preocupação ambiental das autoridades, intervindo assim nas atividades garimpeiras, fatores sociais que pesaram para o fechamento dos garimpos.

Em relação à agricultura, mesmo com clima propício, o plantio e colheita do guaraná não perdurou, os preços caíram exageradamente desestimulando os produtores. O que ocasionou a baixa no preço do guaraná e o desinteresse no cultivo pelos agricultores. Os colonizadores foram adaptando-se ao clima e às condições da região. E a economia foi tomando novos rumos, alguns produtores transformaram suas fazendas de café em pastos, apostando na agropecuária e outros no comércio.

Decorrente do processo de povoamento do Estado de Mato Grosso há perceptíveis variações no falar, no entanto, ainda é pequena a bibliografia que trata das variações na linguagem e atitudes linguísticas. A mais difundida e marcada é a

---

<sup>16</sup>Buraco formado em virtude da atividade garimpeira, local de trabalho, onde os garimpeiros passavam a maior parte do tempo trabalhando. (SANTOS, J. 2013, p.14).

variação diatópica<sup>17</sup> que está ligada à questão regional, há também alguns estudos ressaltando a variação diastrática<sup>18</sup> entre outras de natureza diversa.

O conceito de Cultura ainda é muito complexo e inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou alguma outra capacidade ou hábitos adquiridos pelos indivíduos que vivem em uma sociedade. Porém a cultura tem uma única finalidade, marcar a identidade dos povos (LARAIA, 2014).

Todo esse processo e transformações econômicas e sociais conferiram ao Estado e neste caso à Juína, em que grupos do sul e nordeste do país foram à maioria no processo de colonização, forte influências dessas regiões. Com costumes, crenças, religiões diversas e modos de falar bastantes diferentes que caracterizam a Identidade Cultural Juinense.

No entanto, não podemos afirmar que a Identidade Cultural seja algo consolidado, pois entendemos que esta é construída e reconstruída continuamente. Entende-se de que elas nunca estão prontas, são abertas, dinâmicas e mutáveis, podendo ser constantemente construídas e reconstruídas (WOODWARD, 2000).

Para Bertoldo (2007) a necessidade de identificar e registrar as variedades da língua portuguesa na variante<sup>19</sup> brasileira tem levado muitos estudiosos pesquisarem a língua em diferentes pontos do país, não é diferente com os sotaques e dialetos.

No município de Juína a estruturação da fala e cultura se deu exatamente no início da colonização, com os migrantes advindos de muitas partes do país que povoaram a região e hoje apresentam algumas variações linguísticas. A Sociolinguística Quantitativa proposta por Labov (1972) propõe o estudo da mudança linguística a partir dos fatores que a condicionam, pois o indivíduo não é considerado o agente da mudança, mas os fatores sociais.

Juína se caracteriza como uma linguagem decorrente da miscigenação dialetal. Considerando sempre a relação da sociedade com a linguagem, Labov (1972) declara que, para se entender mudanças linguísticas é preciso levar em

---

<sup>17</sup>Variação diatópica também chamada de regional ou geolingüística é a variação linguística existente nas diferentes regiões em que uma língua é falada. (MOLLICA, M. 2004, p.29).

<sup>18</sup>Variação diastrática é a diferença no sistema linguístico entre os diferentes estratos da população decorrente de fatores sociais e/ou culturais. (MOLLICA, M. 2004, p.33).

<sup>19</sup>Significado de variante: Diferença, diversidade, modificação. (MOLLICA, M. 2004, p. 51).

conta a vida social da comunidade onde a mesma ocorre, porque as pressões sociais agem continuamente sobre a língua como uma força social imanente.

Neste sentido, é que se apresenta a teoria da acomodação linguística que segundo Giles (1975) é um processo, e um desejo individual, onde o emissor procura a aprovação do receptor, buscando aceitação social, tal processo pode trazer consequências de alto custo para o falante, esse esforço empregado na acomodação da língua contribui para perdas de identidades linguísticas. Existe também o fator de acomodação dialetal, essa teoria da acomodação ainda incompleta, determina que algumas circunstâncias levam alguns sujeitos a apresentarem mais ou menos acomodações ou até diversos tipos de acomodação em relação a outros.

Para compreender a formação da linguagem Juinense é preciso resgatar todo processo de influências culturais relativo ao processo migratório, acultramento presente na forma dominadora da colonização presente no conflituoso processo de ocupação do Estado de Mato Grosso, em especial, no Município de Juína. O grupo de migrantes responsáveis pela ocupação inicial do município de Juína passou por uma mudança de ambiente físico e principalmente nas relações sociais bastante intensas o que favorece variações e acomodações, como diz Labov (1972) para se entender mudanças linguísticas é preciso levar em conta a vida social da comunidade.

Dentro das divergências nos dialetos sulistas e nordestinos a que mais se evidencia é em relação às vogais médias pretônicas e entender melhor os impactos sociolinguísticos causados pelos processos de deslocamentos geossociais, proporciona um melhor conhecimento da dinâmica das comunidades que estão inseridas.

## 4 METODOLOGIA

A língua muda com o tempo, as alterações se processam naturalmente e para compreender as mudanças na língua, é necessário considerar o contexto social e histórico de cada indivíduo, onde as falas acontecem. Para averiguar o processo de acomodação na linguagem dos migrantes da região sul e nordeste na cidade de Juína/MT foi realizada uma pesquisa.

Foram analisados 10 informantes, sendo 05 do Sul do país, especificamente 03 paranaenses, 01 catarinense e 01 gaúcho e 05 do nordeste, 01 baiano, 01 paraibano, 02 pernambucanos e 01 cearense na faixa etária entre 25 a 75 anos de idade, o grau de escolaridade mais variado possível, do sexo masculino e feminino. Nesta etapa o método da pesquisa foi quantitativa, por meio de uma entrevista semiestruturada, que apesar de possuir um roteiro previamente estabelecido possibilita certa flexibilidade. O método quantitativo foi utilizado com a finalidade de quantificar os dados coletados através da estatística para conseguir uma maior precisão. Permitindo assim, a verificação da ocorrência do fenômeno estudado.

Utilizou-se um gravador Sony, que permitiu realizar gravações diretamente no sistema sonoro WAV. Foi entregue uma lista de 30 palavras, vide anexo 01, as quais foram criteriosamente escolhidas pela razão de conter as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fase inicial da palavra. Também foi usado um texto que foi lido pelos entrevistados, vide anexo 02. Ao final da entrevista foram realizadas três perguntas informalmente, vide anexo 03, perguntas relacionadas à sua vida pessoal, com a finalidade de deixar o entrevistado a vontade para falar as palavras sem a sequência da leitura e voluntariamente pronunciar o sotaque sem que perceba. Buscando com isso, registrar todo e qualquer evento ou mudança na fala dos entrevistados.

As entrevistas aconteceram na casa dos colaboradores por ser o ambiente com o qual estão familiarizados, o que tornou a conversa mais tranquila, minimizando as interferências na entonação decorrente de uma possível ansiedade ou insegurança, foram agendadas com pelo menos uma semana de antecedência e sucederam uma a uma no decorrer de um mês, o tempo estimado para cada

entrevista foi de 50 a 60 minutos, a pesquisa e análise de dados duraram 03 meses de Março a Maio de 2016.

A partir do delineamento bibliográfico anterior e com a finalidade de compreender as mudanças na língua e suas acomodações, focalizando a realização das vogais médias pretônicas, inseridas nos dialetos dos colaboradores, divididos em dois grupos sendo eles originários do sul e do nordeste do Brasil (03 paranaenses, 01 catarinense e 01 gaúcho) e (01 baiano, 01 paraibano, 02 pernambucanos e 01 cearense) residentes no Município de Juína, os quais foram objeto de nossa pesquisa. As informações e dados coletados na entrevista foram analisados, tabulados e transformados em gráficos e quadros para que a interpretação demonstre a dimensão estatística sobre o objeto de estudo – a linguagem.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÕES DE RESULTADOS

O aspecto linguístico encontrado no discurso dos sulistas e nordestinos, colonizadores do município de Juína, são as vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que se apresentam como um dos maiores pontos de dissensão entre esses dois sotaques, o que facilita a observação do processo de acomodação linguística, e leva o colaborador a uma nova experiência sociocultural.

O processo migratório da região de Juína impulsionou o contato de culturas bastante diversas, a linguagem ou dialeto de origem podem ter sofrido modificações em decorrência de aspectos sociais e subjetivos. As descrições a seguir são as análises dos dados coletados, descritos um a um, bem como também as análises detalhadas de relatos, chegando assim aos resultados mais precisos das variações linguísticas nos dialetos sulistas e nordestinos dos colonizadores da cidade de Juína. Para preservar o anonimato dos colaboradores serão identificados no texto através das letras alfabéticas de (A) a (E) para o grupo originário do sul e de (F) a (J) para os do nordeste do país.

A entrevistada (A) realiza as pretônicas de forma fechada, segundo os dados analisados perdeu pouco do sotaque, percebe-se essa perda nas palavras que é de uso contínuo de seu dia a dia, exemplo, rec[o]rdação e ch[o]cante, assim como manteve o dialeto nas palavras pouco usadas tais como [e]ncéfalo e [e]ncefalite. É claro que mesmo tanto tempo fora de suas origens a mesma demonstra traços e detalhes inconfundíveis no que se refere às vogais analisadas. Como a pronúncia de vários dialetos durante a entrevista.

Notou-se no entrevistado (B) que a realização da vogal média pretônica acontece como se nunca fosse do Paraná, ou seja, as vogais médias pretônicas aparecem sutilmente fechadas, seu sotaque tem muitas misturas regionais. Durante a entrevista o mesmo mencionou que conviveu muito com todos os colonizadores, e que há muito tempo participa ativamente da igreja católica a qual pode ter contribuído para tamanha perda de sotaque. Pelas gravações e a apuração dos dados foi possível detectar essa perda de sotaque com mais clareza, visto que o entrevistado relatou, em conversa anterior que já não falava mais como os parentes que ainda residem no Paraná.

O entrevistado (C), do mesmo grupo, realiza as pretônicas consideravelmente fechadas, desde o início da entrevista, o entrevistado manteve o tom, tanto na leitura das palavras do texto quanto na conversa informal, as vogais /e/ e /o/ foram mantidas fechadas nas pronúncias acontecendo algumas oscilações. Durante a entrevista o mesmo mencionou que ir todos os anos para sua terra natal e que conserva muito suas origens advindas do Paraná. Os fatores externos não contribuíram para perda do sotaque, já que o entrevistado trabalha com o público de diferentes partes do país. Percebeu-se durante a entrevista, que, em poucas palavras, acontecia uma oscilação no sotaque, durante a análise dos dados foi concluído que geralmente essa perda acontece no encontro das vogais pretônicas com as consoantes (r) e (n) exemplo: m[ɔ]tinha e m[ɛ]ntira, o mesmo relatou durante a entrevista que essa oscilação não é proposital em sua pronúncia, ocorrendo simultaneamente.

A quarta entrevistada (D) demonstrou a utilização das pretônicas fechadas em todas as situações propostas na entrevista, em algumas condições a entrevistada perdeu um pouco da harmonia vocálica, entre a tônica e pretônica, isso aparece várias vezes durante sua fala. A mesma mencionou durante a conversa com a entrevistadora que gosta muito de seu sotaque e que procura não perder sua pronúncia ou pelo menos um pouco dela. Os dados analisados em todos os detalhes demonstram que o grau de fechamento é nítido e que mantém ainda o sotaque nas vogais médias pretônicas.

Ainda do grupo de sulista, o entrevistado (E) realiza as pretônicas de maneira fechada totalmente, mesmo tendo vindo do Rio Grande do Sul, há trinta anos, ele mantém a pronúncia típica, manteve a fala como se tivesse contato direto com sua origem e dialeto. Durante a leitura das palavras em sequência ao qual pedia no decorrer da entrevista, o colaborador manteve a mesma postura dialetal da fala informal.

O primeiro entrevistado (F) do grupo dos nordestinos, sendo ele baiano, realiza as pretônicas de forma aberta parcialmente, sendo que perdeu o dialeto nas palavras mais usadas do cotidiano como, por exemplo: n[ɔ]vamente e t[ɛ]rrinha, observou-se durante a análise que o mesmo mantém ainda na maioria das falas no que se refere às vogais médias pretônicas, e que mesmo tanto tempo sem contato direto com sua cultura é evidente sua origem. Oscilou algumas vezes durante a

leitura do material indicado, segundo ele busca manter sua cultura e sotaque inserindo o dialeto no seu dia a dia, narrou ainda que essa é uma forma de manter suas origens, mas que nem sempre percebe tal mudança.

Entrevistada (G) apresenta as pretônicas de maneira aberta, percebeu-se durante a pesquisa e análise dos dados, que a entrevistada pronuncia as falas com o sotaque nítido, mantendo as vogais pretônicas inertes (e) e (o) abertas. A mesma relatou em conversa informal, que procura manter seu sotaque e a cultura paraibana, relatou ainda que já sofreu preconceito por ser nordestina ou pelo sotaque, porém isso não influenciou para possíveis mudanças na fala. Durante a análise dos dados observou-se que seu sotaque é aberto nas vogais pretônicas, a mesma mencionou que nunca visita sua terra natal e que nem sempre teve contato com sua cultura desde que migrou para o município de Juína nos anos 80.

Na terceira entrevista, deste grupo, identificou-se que a entrevistada (H) realiza as pretônicas de forma parcialmente aberta, e nem todas as palavras demonstrou o sotaque no que se refere às vogais médias pretônicas, mesmo ela relatando que viaja sempre a passeio para a terra natal, o Pernambuco, e mantém contato com sua cultura, isso não influenciou para a permanência do sotaque, durante a entrevista a mesma relatou que, devido ao convívio no trabalho, buscou adaptar a fala das colegas, sentia-se meio perdida falando tão diferente dos demais do grupo.

A entrevistada (I) realiza as pretônicas pouco abertas, durante a leitura das palavras sugeridas e as perguntas na conversa informal, a mesma mencionou que se adaptou à mistura das falas dos colonizadores, relatou ainda a entrevistada durante a entrevista que nunca procurou manter o sotaque pernambucano e nem manter sua cultura, atribui isso ao longo tempo longe de sua terra de origem.

Por fim, o entrevistado (J) demonstrou realizar as pretônicas de forma aberta, observou-se que mantém as vogais médias pretônicas totalmente abertas, o entrevistado demonstra traços fortíssimos no sotaque quanto no dialeto regional do Ceará, menciona o mesmo que viaja sempre para sua terra natal e que procura manter suas raízes tanto na fala, sotaque, e na cultura em geral.

O quadro abaixo sintetiza as entrevistas dos dois grupos de colonizadores do município de Juína. No quadro 01-obteve-se os seguintes resultados: do grupo de sulistas entrevistados.

Informante	Sexo	Durante a entrevistas essas foram algumas das palavras pronunciadas de forma fechada, mantendo assim o dialeto sulista.	Essa são algumas das palavras registradas, que perderam totalmente o dialeto sulista
Paranaense	Feminino	[e]ncéfalo, [e]ncefalite, T[o]dinho, R[e]tângulo, L[e]veza, R[o]da, S[o]Zinho.	Recordação, Jogar, chocante, Colher, Aprendeu, Governo.
Paranaense	Masculino	Não houve registro das vogais médias pretônicas fechadas.	Pertinho, Aprendeu, Motinha, Rocinha, Senhorinha, Somente.
Paranaense	Masculino	T[o]mando, C[o]lega, M[e]sada, R[o]tina, P[e]rco, L[e]gume, P[e]rder, V[e]rmeinho, M[o]tinha, R[o]cinha, V[o]to, S[o]lidez.	Voto, Solidez, Pobreza, Colher, Nojento, Construção, Peteca, Moderno.
Catarinense	Feminino	P[o]breza, C[o]lher, N[o]jento, C[o]nstrução, Gl[o]bal, R[e]gular.	Tomando, Colega, Mesada, Rotina, Legume, Perder, Vermelho, Voto, Solidez.
gaúcho	Masculino	ch[o]cante, M[o]derno, P[e]teca, Apr[e]ndeu, G[o]verno, P[e]rder, V[e]rmeinho, T[o]mando, C[o]lega, M[e]sada, R[o]tina, [e]ncéfalo, [e]ncefalite, T[o]dinho	Não houve perda de dialeto, em nenhum momento da entrevista.

Quadro 1 - Sulista entrevistado

Fonte: A autora, 2016.

O quadro 01 acima descreve as falas dos três paranaenses, do catarinense e do gaúcho representantes do grupo do sul. É nítido que as palavras variam muito de uma pessoa para outra, e entre os cinco entrevistados a perda do sotaque aconteceu de forma diferente nas palavras, ou seja, cada pessoa com sua particularidade. Dentre os cinco entrevistados somente 01 manteve a fala

totalmente fechada, preservando assim todo o dialeto sulista, no que se refere às vogais médias pretônicas. Sendo, que 01 colaborador perdeu todo o dialeto, e os outros 03 oscilaram durante as leituras e conversa informal, perdendo assim parte de seu dialeto.

Informantes	Sexo	Durante a entrevistas essas foram algumas das palavras pronunciadas de forma aberta, mantendo assim as vogais médias pretônicas Abertas.	Essas são algumas das palavras registradas, que perderam totalmente a abertura nas vogais analisadas.
Baiano	Masculino	R[ɛ]ta, L[ɛ]ve, L[ɛ]veza, [ɛ]ncéfalo, [ɛ]ncefalite, V[ɔ]to, T[ɔ]mando, C[ɔ]lega, Regular.	Legume, Perder, Vermelho, Voto, Solidez, Pobreza.
Paraibano	Feminino	M[ɛ]sada, R[ɔ]tina, P[ɛ]rco, C[ɔ]lher, N[ɔ]jento, C[ɔ]nstrução, Gl[ɔ]bal.	Não houver perda de sotaque nas palavras analisadas
Pernambucano	Feminino	R[ɔ]cinha, S[ɛ]nhorinha, S[ɔ]mente, P[ɛ]teca, M[ɔ]derno.	Rocinha, Senhorinha, Tomando, Colega, Regular.
Pernambucano	Feminino	R[ɔ]cinha, S[ɛ]nhorinha, S[ɔ]mente, P[ɛ]teca, M[ɔ]derno.	Tomando, Colega, Regular, Solidez, Pobreza, Colher, Nojento.
Cearense	Homenm	Não foram registradas palavras com abertura nas vogais médias pretônicas.	Colher, Nojento, Construção, Global, Legume, Perder, Vermelho.

Quadro 2 - Nordesteiros entrevistados

Fonte: A autora, 2016.

Observa-se, no quadro 02, destacadas as falas dos dois pernambucanos, do baiano, do paraibano, e do cearense que formaram o grupo representante do nordeste. E semelhante ao grupo anterior, às palavras alteram muito de uma pessoa

para outra, e entre os cinco entrevistados a perda da pronúncia ocorreu de forma desigual nas palavras, ou seja, cada pessoa com sua distinção. Dos 05 entrevistados somente 01 manteve a fala totalmente aberta, preservando assim todo o sotaque característico do nordeste, no que se refere às vogais médias pretônicas. Sendo, que, 01 entrevistado perdeu todo o dialeto, e os outros 03 oscilaram durante as leituras e conversa informal, perdendo assim parte de seu dialeto.

O gráfico 01 demonstra que do grupo de sulistas entrevistados apenas 01 perdeu totalmente o sotaque, não mantendo o fechamento das vogais médias pretônicas. E na mesma proporção de 01 dos entrevistados conservou o fechamento de forma clara e contínua, deixando nítido seu sotaque sulista, e 03 dos entrevistados mantiveram o fechamento das vogais médias pretônicas somente em algumas palavras ou em algumas ocasiões da fala, perdendo assim grande parte do sotaque sulista.

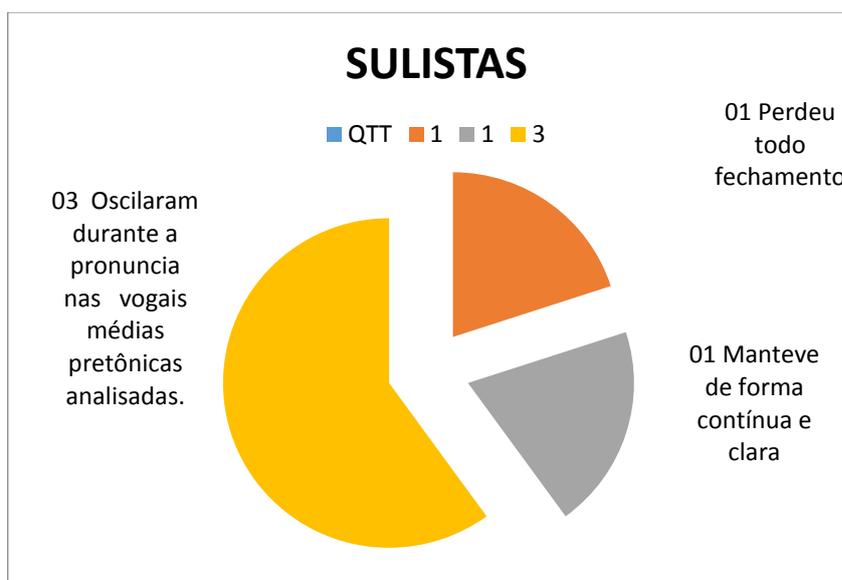


Gráfico 1 - Grupo de sulistas entrevistados

Fonte: Autora, 2016

Já o gráfico 02 evidencia um resultado semelhante com os sulistas, em que também 01 manteve as pretônicas totalmente abertas, sendo que 01 perdeu toda a característica nordestina na fala aberta, podendo dizer que em quase todas as palavras com as vogais /e/ e /o/ ainda sofrem algumas variações. Já 03 dos informantes nordestinos perderam parte do sotaque, sendo a pronúncia de forma

composta, ou seja, uma mistura de sotaques. Portanto são parecidos os dois grupos nesse aspecto de soma.

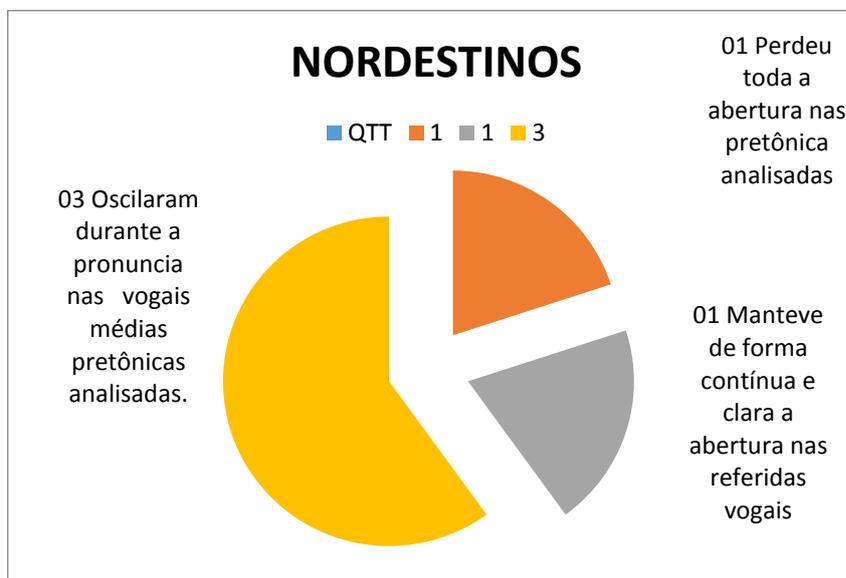


Gráfico 2 - Grupo de Nordestinos entrevistados

Fonte: Autora, 2016

Portanto ao analisarmos as falas dos sulistas e nordestinos moradores da cidade de Juína, constatou-se que as pretônicas perderam seu fechamento na maioria dos entrevistados e com os nordestinos também não foi diferente, mantém-se pouquíssimo a abertura das mesmas vogais. Os dados analisados demonstraram um aspecto parecido em relação à proporção de manutenção do dialeto de origem nos dois grupos, em que o grupo de migrantes oriundo do nordeste brasileiro apontou a mesma permanência e porcentagem tanto de perda quanto de permanência no sotaque, e ambos mantiveram o dialeto materno parecido na quantidade de entrevistados.

## 6 CONCLUSÃO

Conclui-se após dados analisados nas falas, em situações pretônicas a essência, na fala sulista de vogais fechadas e na fala dos nordestinos de vogais abertas. São constantes as alterações sobre os falares sulistas e nordestinos em estudos pelo Brasil. No que diz respeito à colonização da cidade de Juína, esses dois grupos migratórios, vivem homogeneamente, trazendo fatores externos os quais contribuem significativamente para mudanças e acomodações da língua, este trabalho nos possibilitou conhecer um pouco mais da língua local, ou seja, possíveis dialetos a serem adquiridos pelos colonizadores envolvendo as misturas de sotaques.

É importante destacar que os hábitos e necessidades adaptativas influenciam a formação de uma identidade cultural individual e coletiva, e que mesmo esta não é estática, visto que a cultura é dinâmica e está em constante processo de reconstrução. A linguagem que é a representatividade do pensamento, emoções, sensações e desejos também é um fato social. A variação entre contextos é marcada pelos diferentes modelos de uso da linguagem que o meio social oferece.

A Linguagem humana é complexa, pois além da clara finalidade de comunicar é estruturada por uma gama grande de fatores, e assim, revela aspectos históricos, sociais e culturais, como também contribui para esses mesmos fatores. É através dela que o ser humano organiza e dá forma às suas experiências.

Os fatores sociais, como sabemos, condicionam a linguagem. Em Juína, no início da colonização, as dificuldades encontradas fizeram com que as famílias se unissem mais, ajudando umas as outras, vivenciavam costumes umas das outras, o que afastava um pouco a saudade da terra natal. Esse tipo de contato fez com que a mistura acontecesse de forma lenta, porém contínua.

Com base em uma análise empírica e sistematizada dos elementos coletados, e no que diz respeito aos estudos sociolinguísticos, os resultados foram satisfatórios, evidenciando processos de acomodação linguísticos nos dois grupos entrevistados. Entretanto, devido à língua ser dinâmica e viver em constante transformação poderão sempre surgir resultados diferenciados no decorrer dos anos, por exemplo, pesquisas sobre o mesmo tópico no município de Juína.

Observando as diferenças entre a perda de sotaque dos migrantes vindos do nordeste em relação aos que vieram do sul, percebemos a necessidade de uma investigação mais focada nos processos que levam a acomodação linguística, e em especial, de um provável preconceito linguístico, que supervaloriza a variante culta e a relaciona à classe social mais privilegiada e às regiões mais desenvolvidas do país.

Todos os dados coletados e analisados foram de total aproveitamento pela pesquisadora, visto que as gravações foram ouvidas várias vezes a fim de chegar a um resultado aceitável. Comparou-se sempre a teoria com a prática buscando fazer uma análise conjunta à investigação bibliográfica e a observação de campo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (1986). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec (1ª edição, 1929).

BASSANEZI, M.S.B. Imigrações Internacionais no Brasil: um Panorama Histórico. In Patarra, Neide Lopes (org.) Emigração e Imigração Internacional no Brasil Contemporâneo. Campinas: ANVAP, 1995. p. 38.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**, 37ª ed., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p.178, RJ, 2000.

\_\_\_\_\_. **Moderna Gramática Portuguesa**, Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p. 113, 119, 74 e 61. RJ, 2007.

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Estudo semântico lexical no distrito de nossa senhora da guia**. São Paulo: 2007. Disponível em: <[www.google.TeseGiltonMendesdosSantos.pdf](http://www.google.TeseGiltonMendesdosSantos.pdf)> Acesso em: 08 mar. 2016.

BUESCO, Mircea. **Evolução Econômica do Brasil**. Rio de Janeiro. ed. APEC. p. 93, 1976.

CAMPOS, Julio. **Revista fundação, Município de Mato Grosso e Várzea Grande-MT**. 1993.

CASTELAR, de Carvalho. **Saussure e a Língua Portuguesa**. Disponível em <<http://www.filologia.org.br>. Acesso em: 26 ago. 2016.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, D. A. C. Uma Análise de Concepções e Conceitos: linguagem, língua, sentido, significação, gênero e texto. In: SOUSA, Maria Ester Vieira de; VILAR Socorro de Fátima P. (Orgs.). **Parâmetros Curriculares em Questão: o ensino médio**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **História de Juína**. Portal Mato Grosso, 2008. Disponível em: <[www.mtseusmunicipios.com.br/conteudo.php](http://www.mtseusmunicipios.com.br/conteudo.php)> Acesso em: 25 mar. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. Paulo Freire: Paz e Terra, 1996.

GILES, Howard; COUPLAND, Nicolas. **Idioma: contextos e conseqüências**. Pacífico Grove (Ca): Brooks, Cole, de 1975.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2014. Disponível em: <<http://migração.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-linguistica/povos-falas>> Acesso em: 05 Abr. 2016.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 1975.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, p. 79 e 82. 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: Uma Introdução**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado.

MATOS, Ralfo. **Plano Diretor, gestão urbana e participação: algumas reflexões**. Belo Horizonte: C/Arte, p. 21, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação**. 2 ed.- São Paulo: contexto, p.09,29,33 e 51, 2004.

NEIRA, M.G. e NUNES, M. L. F. **Pedagogia de Cultura Corporal: Crítica e Alternativa**. São Paulo: Phorte Editora, 2014.

NOVAIS, F. Fernando. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. 6ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

PIAIA, Ivane Inêz. **Geografia de Mato Grosso**. 3. ed. rev. amp. Cuiabá: Edunic, 2003.

PINHEIRO, Vilmar Alvari. **O mito do garimpo do Arroza: Período áureo do garimpo em Juína**. Juína, 2014 monografia AJES-Faculdade do Vale do Juruena.

SANTOS, Julio Cezar dos. **A Fronteira Noroeste: Entre Colonos e Garimpeiros de Juína – MT**. Disponível em: <[http://snh2013.anpuh.org.anais do evento](http://snh2013.anpuh.org.anais%20do%20evento)> Acesso em: 01 ago. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. (2006). Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix (1ª edição, 1916).

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: ed. Entrelinhas, p.18, 35,37e 97. 2002.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileira**. Ciência e Cultura. vol.57 ed.2ª, São Paulo: Apr./June, p. 28, 2005.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 2001.

WOODWARD, Kethryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004. 179 p. Disponível em: <<http://cibaimigracoes.com.br>> Acesso em: 01 ago. 2016.

**ANEXOS**

## ANEXO 1

Lista de Palavras, texto e perguntas usadas durante a entrevista.

1-P <u>e</u> rtinho	11-L <u>e</u> veza	21 - V <u>e</u> rmelho
2-A <u>p</u> rendeu	12 - E <u>n</u> cefalite	22 - V <u>o</u> to
3-M <u>o</u> tinha	13 - V <u>o</u> to	23 - S <u>o</u> lidez
4-R <u>o</u> cinha	14 - T <u>o</u> mando	24 - P <u>o</u> breza
5-S <u>e</u> nhorinha	15 - C <u>o</u> lega	25 - C <u>o</u> lher
6-S <u>o</u> mente	16 - M <u>e</u> sada	26 - N <u>o</u> jento
7-P <u>e</u> teca	17 - R <u>o</u> tina	28 - C <u>o</u> nstrução
8-M <u>o</u> derno	18 - P <u>e</u> rco	29 - G <u>l</u> obal
9-R <u>e</u> ta	19 - L <u>e</u> gume	30 - R <u>e</u> gular
10-L <u>e</u> ve	20 - P <u>e</u> rder	

## ANEXO 2

### TEXTO: AS ENTRELINHAS

“Por que você gosta de conversar comigo? Isto é, supondo que você realmente goste...” Fiz essa pergunta a alguns amigos – depois de tanto ler, refletir e conversar, já (quase) duvidava da minha capacidade de ser. O universo é reduzido, porque nem toda troca se dá entre amigos. De qualquer maneira, foi um exercício rico. Eu nunca tinha parado para pensar que em nossas conversas “falamos como somos, sem precisar mascarar, disfarçar ou pedir desculpas, por achar que somos melhores do que parecemos...”. Somos quem somos. E há os descaminhos. “Temos sempre um ponto de partida e a chegada é um mistério.” De um extremo ao outro, risadas, atalhos, olhos marejados. Pausas e, nelas, surgem descobertas. Que conversa boa, e viva.

“Quando eu era menino, o que mais gostava nos livros era nossa imaginação de criança completar o que eles nos contavam, nas entrelinhas”, disse o cineasta alemão Wim Wenders, no documentário Janela da Alma. “Quando comecei a ver filmes, eu também queria ler nas entrelinhas e naquele tempo isso era possível, você podia ler entre as imagens. Em um filme de John Ford, por exemplo, havia espaço entre as tomadas. Atualmente, na maioria dos filmes, não há mais espaço para a gente inserir os sonhos.” Espaço para inserir os sonhos. Desejo que suas conversas tenham essa abertura. Sim, pois falam, escrevem e calam as pessoas. Conversam conosco, cada qual a seu modo, os livros, os filmes, as canções. Em todas as narrativas, porém, é maravilhoso transitar nas entrelinhas. Sabemos bater papo? E sonhar nas entrelinhas?

Fonte: <http://vidasimples.uol.com.br/noticias/capa/saiba-conversar.phtml> acesso em 03 de Mar.2016.

## **ANEXO 3**

### **ROTEIRO DE CONVERSA LIVRE**

1-Onde você foi criado? Conte um pouco como foi sua criação.

2- Conte algo de engraçado que te marcou durante a infância

3-E hoje, qual seu maior sonho na vida?